

Já nas bancas: a saúde reprodutiva das adolescentes vista através das revistas *Querida* e *Capricho*

Paula Miranda-Ribeiro*
Ann Moore**

O objetivo do artigo é identificar as normas de comportamento reprodutivo das adolescentes do sexo feminino consideradas apropriadas pelas revistas Capricho e Querida ou, em outras palavras, identificar de que forma as revistas para adolescentes contribuem para que suas leitoras sejam mais bem informadas sobre sexualidade e saúde reprodutiva. A partir da análise de conteúdo das edições dessas revistas publicadas entre novembro de 1996 e dezembro de 1997, o trabalho concentra-se em três aspectos relacionados à saúde reprodutiva: doenças sexualmente transmissíveis (DSTs)/AIDS, métodos contraceptivos e aborto. A análise de conteúdo sugere que Querida e Capricho preenchem uma demanda latente por informações sobre sexualidade, contracepção e saúde reprodutiva. No entanto, o conteúdo das informações é muitas vezes incompleto, e as adolescentes acabam recebendo informações fragmentadas. Apesar de as revistas concordarem em muitos aspectos do comportamento esperado, o modelo normativo sugerido em Querida é o de uma menina mais subserviente e passiva do que os padrões preconizados em Capricho, publicação de orientação menos conservadora.

Introdução

Se conhecimento de métodos contraceptivos for um indicador de conhecimento de assuntos ligados à sexualidade e saúde reprodutiva, então os adolescentes brasileiros, de uma maneira geral, estão muito bem informados. Isso porque, de acordo com a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde – PNDS/1996, o conhecimento de métodos modernos tais como a pílula, a esterilização feminina e o preservativo é praticamente universal entre os adolescentes de 15 a 19 anos, enquanto 85% deles afirmam conhecer injeções e DIU (Gras, 1999). No entanto, se o indicador for conhecimento do funcionamento do próprio corpo a situação muda dramaticamente. De acordo com o DHS (Demographic and

Health Survey) de 1991, apenas 12% das adolescentes nordestinas de 15 a 19 anos sabiam qual o período (entre o início de uma menstruação e o início da outra) no qual a mulher tem maiores chances de engravidar. Em 1996, a PNDS indicou que 24% das meninas e 22% dos meninos responderam corretamente a essa pergunta. Apesar de a porcentagem de meninas com respostas corretas ter dobrado entre as duas pesquisas, ainda assim a proporção das que não conhecem seu período fértil é assustadora, revela falta de informação sobre o funcionamento do próprio corpo e sugere que as adolescentes, no fundo, têm informações apenas parciais no que se refere à sexualidade e à saúde reprodutiva.

* Professora adjunta do Departamento de Demografia e do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

** Aluna do Programa de Doutorado em Sociologia/Demografia, University of Texas at Austin.

Há uma negligência da família e da escola em relação à informação sobre sexo. Grupos focais¹ realizados em três localidades brasileiras² mostram que as principais fontes de informação das mães de adolescentes integrantes do grupo (pertencentes a uma geração mais velha) eram as amigas e a rua. Não raro, o aprendizado se dava somente após o casamento, com os maridos.

Às vezes [a gente aprendia sobre sexo] com as nossas colegas. Eu aprendi com umas colegas na escola, com umas amigas na rua. E a minha mãe era rígida demais [para conversar sobre sexo]. A minha também. (Grupo focal com mães de adolescentes de escolaridade mais alta, vila do RN)

Porque minha mãe nunca me disse nada. Eu não sabia [nada]. Quando eu casei, foi difícil porque meu marido queria dormir comigo, né, ele queria me tocar, e eu disse pra ele: "Isso é errado, minha mãe me disse que é pecado, você não devia fazer isso, é pecado. Eu vou gritar pelo meu pai e a minha mãe." Ele tapou a minha boca e disse: "Mas nós somos casados!" (Grupo focal com mães de adolescentes de nível socioeconômico mais elevado, favela em SP)

As falas dos participantes dos grupos focais sugerem que os adolescentes de hoje têm a seu dispor uma variedade enorme de fontes de informação para matar sua curiosidade a respeito de sexo. No entanto, como acontecia na geração das suas mães, seus pais e suas escolas continuam não suprimindo esta demanda de forma adequada. Em geral, os filhos têm vergonha de falar sobre sexo com os pais, e vice-versa. O mesmo acontece na escola, onde os adolescentes se envergonham de tocar no assunto com a grande maioria dos professores. A exceção são as aulas de Ciências/Biologia, cujo conteúdo geralmente engloba reprodução humana, ou algum professor (em geral, professora) mais aberto(a) a esse tipo de assunto.

Porque também, quando é na escola, as pessoas ficam assim com vergonha de perguntar ao professor, e entre os amigos não têm vergonha. (Grupo focal com meninos e meninas estudantes de escola pública, Montes Claros, MG)

A melhor fonte de informação ainda são os pares (amigos) – pessoas igualmente mal informadas, mas de quem não se tem vergonha – e fontes impessoais como a televisão e as revistas. As revistas pornográficas consumidas pelos meninos têm imagens relacionadas a sexo mas, na verdade, não ensinam sobre sexo, nem tiram dúvidas a este respeito. As meninas, por sua vez, lêem revistas para adolescentes, cujo conteúdo é recheado de assuntos relacionados a sexo. Além disso, estas revistas cumprem um papel ao esclarecer dúvidas.

Moderador: Onde é que meninas feito vocês aprendem sobre sexo?

Particip.: Nas revistas. (Grupo focal com meninas de nível socioeconômico mais baixo, Vila do RN)

Moderador: E vocês acham que revista ensina alguma coisa sobre sexo?

Particip.: Ensina. A *Capricho* tem, fala, você sabe tudo sobre sexo. Sempre tem uma folha falando. Você escreve pra lá, o que você quiser, e eles respondem. Mas você não precisa colocar seu nome, só as iniciais. Aí, eu adoro essa parte, porque tudo o que você quiser saber, eles te respondem. (Grupo focal com meninos e meninas estudantes de escola pública, Montes Claros, MG)

Particip. A: Agora, você perguntou como é que eles [os adolescentes] estão se informando? Eu acho que, a nível de informação, ainda é muito as revistas. *Capricho*, *Querida*, *Atrevida*, *Toda Teen*, eu acho que ainda é muito por aí. Porque eles têm um certo pudor de chegar na gente e perguntar. Eu percebo muito isso, sabe? Lá em casa eu acredito que as coisas sejam um pouco diferentes, porque lá a gente é bagunçado assim mesmo. É aberto. Mas eu percebo

¹ Grupo focal pode ser definido como "um pequeno número de participantes (normalmente de seis a doze) de uma população-alvo que, sob a direção de um moderador, discute tópicos de importância para um estudo especial de pesquisa" (Knodel, Anthony e Napaporn, 1988, p. 42).

² As localidades são Montes Claros (MG), uma favela na cidade de São Paulo e uma vila no sertão do Seridó (RN). Participaram das reuniões adolescentes de 14 a 17 anos e mães de adolescentes de distintos *status* socioeconômicos. Para maiores detalhes sobre as classificações, ver Miranda-Ribeiro (1997). Os grupos focais foram conduzidos por Miranda-Ribeiro, para sua tese de Doutorado. A pesquisa com revistas é posterior e foi feita conjuntamente por Miranda-Ribeiro e Moore.

nas amigas das minhas meninas que elas têm muita vergonha mesmo, e eu acho que a última pessoa pra quem elas vão chegar e perguntar é a mãe. Ela pode até perguntar pra professora, pode perguntar pra mãe da colega, mas pra mãe dela, eu acho que ainda tem muita vergonha.

Particip. B: Mas você não acha que é de uma forma muito exagerada? Os assuntos são assim: como conquistar seu gato, como desistir do seu gato, como esquecer o [...], não é? É só. Eu vou mandar umas sugestões, porque não pode.

Particip. C: Como é a primeira vez, como que eu vou fazer? Com que [...] idade, o que eu tenho que fazer?

Particip. A: Tudo. Só são os assuntos. As revistas estão impregnadas de sexo. (Grupo focal com mães de adolescentes de nível socioeconômico mais elevado, Montes Claros, MG)

As falas dos adolescentes dos grupos focais sugerem que muitos ainda se sentem constrangidos em conversar com adultos (pais e/ou professores) sobre assuntos ligados a sexo. Eles ficam mais à vontade em se informar por meio de fontes impessoais – mídia impressa ou falada (Miranda-Ribeiro, 1997).

Querida e *Capricho* foram identificadas como duas das revistas que ajudam a preencher a lacuna relativa à falta de informação sobre saúde reprodutiva, sexualidade e métodos contraceptivos entre as meninas. É importante lembrar que os meninos não contam com uma fonte análoga a essa³ e muitos lamentam esse fato (Miranda-Ribeiro, 1997). Mais do que fonte de informação, as revistas funcionam como balizador daquilo que é considerado comportamento normativo na adolescência. Dado que as revistas trazem matérias sobre sexualidade, saúde reprodutiva e contracepção, elas acabam por informar as atitudes e intenções das meninas, além de oferecer um fórum a partir do qual elas podem medir e avaliar suas próprias ações. As revistas são textos sociais que participam da

construção da sexualidade na adolescente e da sua percepção acerca do que é ser mulher. Portanto, as revistas atuam na construção daquilo que é percebido como comportamento sexual e reprodutivo normativo e na legitimação desse comportamento (Currie, 1999).

O objetivo deste trabalho é identificar as normas de comportamento reprodutivo das adolescentes do sexo feminino consideradas apropriadas pelas revistas *Capricho* e *Querida*. Em outras palavras, de que forma as revistas para adolescentes contribuem para que suas leitoras sejam mais bem informadas sobre sexualidade e saúde reprodutiva. Fizemos uma análise de conteúdo dos dois títulos entre novembro de 1996 e dezembro de 1997 e nos concentramos em três aspectos relacionados à saúde reprodutiva: doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), incluindo a AIDS, métodos contraceptivos e aborto.

O artigo está organizado da seguinte maneira: a próxima seção contextualiza a discussão sobre revistas femininas e para adolescentes e dá um panorama bastante sucinto da AIDS/DSTs, contracepção e aborto no Brasil; a terceira seção trata da metodologia; os resultados são discutidos na quarta seção e, finalmente, na seção seguinte, apresentamos as conclusões e implicações de políticas. A análise de conteúdo sugere que *Querida* e *Capricho* preenchem uma demanda latente por informação sobre contracepção e saúde reprodutiva. No entanto, o conteúdo das informações é muitas vezes incompleto, fornecendo às adolescentes informações fragmentadas. Apesar de as revistas concordarem em muitos aspectos do comportamento esperado, observa-se que *Querida* propõe um modelo normativo mais conservador que *Capricho*, preconizando para as meninas um comportamento mais subserviente e passivo.

³ Apesar de que os meninos muito provavelmente não compram uma revista do tipo *Querida* ou *Capricho*, é plausível que eles peguem emprestado (ou escondido) de irmãs e primas, sobretudo quando a revista fica largada pela casa. *Querida* tem uma seção intitulada "Coisas de menino", na qual os meninos têm a oportunidade de mandar cartas sobre suas preocupações e perguntas. *Capricho* tem uma seção chamada "Notícias de meninos", que pede a opinião deles sobre determinadas questões, mostra o que fazem os meninos famosos e traz a moda para adolescentes do sexo masculino.

Contexto

Análise de conteúdo de revistas femininas e para adolescentes

Nos Estados Unidos e Inglaterra, a análise de conteúdo de revistas femininas e para adolescentes é prática comum desde a década de 60. A análise das revistas americanas *Cosmopolitan*, *Glamour* e *Seventeen* indica que as mesmas são feitas para leitoras heterossexuais e que buscam o casamento ou a monogamia. Apesar de, aparentemente, se preocuparem com a sexualidade feminina, essas revistas conformam com as normas sexuais tradicionais (Durham, 1995). No caso de *Seventeen*, destinada a adolescentes, a mensagem da revista é a de que uma adolescente deveria estar preocupada em melhorar sua aparência, achar um homem e aprender a cuidar da casa (Currie, 1999). Mais uma vez, o que se espera de uma adolescente, aos olhos de *Seventeen*, não difere daquilo que era esperado uma ou duas décadas antes. O mesmo acontece em *Jackie*, uma revista britânica que utiliza o romance como tema principal e enfatiza a dependência das mulheres em relação aos homens, oferecendo às leitoras um estereótipo passivo do que é ser mulher (McRobbie, 1991).

A pesquisa feita no Brasil acerca do papel de revistas femininas e para adolescentes também busca investigar o que é ser mulher⁴. Na década de 70, os estudos pareciam se concentrar nas fotonovelas. Há estudos tanto sobre a produção (Habert, 1974) quanto sobre a recepção das mesmas (Bosi, 1972). Bosi, por exemplo, mostrou que as fotonovelas e o horóscopo eram as sessões mais lidas pelas operárias paulistas. Na década seguinte, os estudos passam a se concentrar em temáticas que giram em torno de sexo e gênero. Sarti e Moraes (1980) fazem uma análise de conteúdo de *Cláudia*, *Nova* e *Carícia* e concluem que essas revistas se empenham em afirmar a importância social da

maternidade e o papel secundário que o trabalho tem na vida das mulheres. Buitoni (1981) analisa a imprensa feminina e conclui que esta ajuda a manter os padrões estabelecidos. Bassanezi (1992, 1996 e 1997), por sua vez, tenta entender o papel das revistas na formação da sexualidade feminina. Em seu trabalho de 1996, a autora faz uma análise histórica das mensagens passadas pelas revistas femininas *Cláudia* e *Jornal das Moças* entre 1945 e 1964 e mostra que, naquela época, a falta de informação sobre questões ligadas à sexualidade e saúde reprodutiva era uma constante. As revistas, de certa forma, constituíam-se em importante fonte de informação e fórum de discussão sobre esses temas.

No caso das revistas para adolescentes, Sarti e Moraes (1980) mostram que *Carícia* se assume como uma revista moralista. Nela, os papéis tradicionais da mulher são reforçados, apesar do discurso, aparentemente progressista, acerca da importância do sexo com responsabilidade. Apesar da maior liberdade sexual, o objetivo final ainda é o casamento. *Carícia* oferece conselhos e informações sobre sexo mas “não tira as consequências dos próprios conselhos dados: como curtir o início da vida sexual, se há sempre o perigo de uma gravidez rondando por aí, sem que a leitora possa assumi-la? E se os métodos anticoncepcionais não forem bem empregados e fizerem mal à saúde? Que alternativas tem a adolescente que lê *Carícia*?” (Sarti e Moraes, 1980, p. 47).

Em um estudo sobre *Querida*, também para adolescentes, Miranda-Ribeiro (1996) concentra-se nas cartas ao editor da revista e nas respostas que a revista dá a essas cartas. A análise de 275 cartas indica que 48,7% delas perguntavam sobre beleza, 43,6% tinham relação com sexo, contracepção, menstruação, DSTs e saúde, e 7,6% englobavam outros assuntos. Aproximadamente dois terços das cartas na categoria contracepção/gravidez/aborto/esterilidade

⁴ Outros temas também têm sido tratados por meio de análises de conteúdo de revistas femininas e para adolescentes. Por exemplo, Pires (1998) trabalha com envelhecimento e velhice a partir de *Cláudia* e *Playboy* e Teixeira (2002) analisa a representação da imagem do negro em *Capricho*.

travavam de gravidez. Este é o maior temor entre as adolescentes sexualmente ativas, mas mesmo as virgens se preocupam com uma possível gravidez. Em três cartas, as meninas já estavam grávidas e não sabiam o que fazer. Todas as respostas de *Querida* trazem informação sobre o tópico da pergunta. Algumas respostas incluem, além da informação, uma sugestão importante: a de que a adolescente procure um médico – um ginecologista ou um dermatologista, geralmente. Parece haver, por parte da revista, uma preocupação com a automedicação, uma prática tão comum no Brasil. Outras respostas sugerem que a leitora procure outros profissionais tais como cabeleireiro, pedicuro, professor de educação física, e associações do tipo Vigilantes do Peso e Alcoólatras Anônimos. Das 275 respostas, 37,5% indicam um especialista (médico ou outro profissional), 54,9% trazem somente informação e 7,6% são outras respostas, equivalentes à categoria “outros” das perguntas.

Uma breve visão da AIDS/DSTs, contracepção e aborto no Brasil

A contaminação por HIV passou de 23 homens para cada mulher, em 1984, para 3 homens por mulher em 1996-97 (Castilho e Szwarcwald, 1998). Segundo o DATASUS, havia 11 adolescentes do sexo masculino para cada adolescente do sexo feminino infectada pelo vírus da AIDS em 1985. Em 1998, este número caiu para 1,25 (DATASUS, 1999). Além dessa incrível mudança na razão de sexo, houve um aumento na transmissão heterossexual, ou seja, o Brasil passa por um processo de “heterossexualização da AIDS” (Castilho e Szwarcwald, 1998). De acordo com a PNDS/1996, praticamente todas as adolescentes de 15 a 19 anos já ouviram falar de AIDS. Apesar disso, entre elas, somente 32,6% das não unidas e iniciadas sexualmente usaram condom na última relação, o que implica um *gap* entre conhecimento sobre AIDS/DST e comportamento sexual dos adolescentes (Viegas-Pereira, 2000). Dentre as adolescentes de 15 a 19 anos que já tinham ouvido falar de AIDS, 12%

não faziam a menor idéia de como se prevenir da doença (Bemfam, 1996). No caso das DSTs, a Organização Mundial de Saúde estima que ocorram 12 milhões de casos anuais no Brasil, apesar de os casos notificados girarem em torno de 200 mil ao ano. Segundo a Comissão Nacional de DST e AIDS, essa diferença é devida ao grande número de casos de DSTs tratados em farmácias.

Com relação à contracepção, apesar de praticamente todas as adolescentes conhecerem métodos contraceptivos, o uso não é tão universal quanto o conhecimento. Segundo a PNDS, em 1986 somente 18,8% das adolescentes de 15 a 19 anos haviam utilizado algum método contraceptivo na primeira relação sexual. Em 1996 este número subiu para 34%. Ainda assim, a porcentagem das que não utilizam nenhum método em 1996 permaneceu muito elevada – 66% do total das adolescentes sexualmente ativas. Naquele mesmo ano, o uso de contraceptivos na relação corrente não era muito diferente – das adolescentes sexualmente ativas, 58% delas tiveram relações sexuais sem utilizar nenhum método (Longo, 2002).

Dados do Alan Guttmacher Institute (1999) indicam que, no mundo todo, 22% das gravidezes terminam em abortos induzidos. Estima-se que, no caso brasileiro, 40% deles se compliquem. Em 1991, foram 8,1 internações hospitalares por complicações do aborto para cada mil mulheres brasileiras de 15 a 44 anos. Com base nesses dados de internação, percebe-se que, ao contrário dos demais países da América Latina estudados (Peru, República Dominicana e Colômbia), a maioria dos abortos no Brasil é feita por mulheres solteiras. De acordo com Singh e Wulf (1990), há aproximadamente 3 a 4 abortos para cada 10 nascimentos vivos, o que o transforma na quarta causa de morte materna. Adolescentes e mulheres de *status* socioeconômico mais elevado têm acesso a abortos seguros, ao passo que aquelas de condição socioeconômica desfavorável têm de recorrer a abortos inseguros, feitos de forma precária e, muitas vezes, fatais (Kerber, 2000).

Metodologia

Como mencionado anteriormente, *Querida* e *Capricho* foram selecionadas como objeto desta pesquisa devido ao fato de terem sido citadas por adolescentes participantes de grupos focais como duas das revistas que oferecem informação sobre sexualidade e saúde reprodutiva. O presente trabalho cobre o período de novembro de 1996 a dezembro de 1997, em números alternados – lemos uma edição sim, outra não. Fizemos uma análise de conteúdo, definida por Krippendorff (1980, p. 21) como “uma técnica de pesquisa para fazer inferências replicáveis e válidas dos dados, a partir do seu contexto”. Este autor enfatiza três aspectos: (1) uma única mensagem pode conter vários significados; (2) os significados não precisam ser os mesmos para todas as pessoas envolvidas, dado que a audiência é ativa e decodifica as mensagens de acordo com seus próprios códigos individuais; e (3) qualquer análise de conteúdo deve ser feita e justificada em termos do contexto dos dados, já que toda mensagem está inserida dentro de um contexto social e não pode ser entendida fora dele (Krippendorff, 1980). Portanto, análise de conteúdo é mais do que contar quantas vezes cada tema aparece nas edições selecionadas; é tentar também entender os significados das mensagens passadas pelas revistas, levando em consideração não só o contexto social brasileiro, mas também o contexto institucional no qual essas revistas são publicadas – ou seja, as editoras.

Querida e *Capricho* são publicadas quinzenalmente, têm circulação nacional e recebem cartas de adolescentes de todo o país. Na época da pesquisa, *Querida* tinha uma tiragem de 95 mil cópias por edição⁵, ao passo que a circulação de *Capricho* era de 250 mil cópias por edição⁶. No entanto, sabemos que o número de leitores não se

restringe ao número oficial de revistas distribuídas – as revistas muitas vezes passam de mão em mão entre irmãs, irmãos, primos, amigos e colegas de sala. Sarti e Moraes (1980) sugerem que o número de leitores é cinco vezes maior que a tiragem. Segundo as editoras destas publicações, o público-alvo de ambas as revistas são meninas de classe média e média alta. No período analisado, no entanto, *Querida* não atingia seu público-alvo desejado, mas sim adolescentes de classe média baixa, dado que tinha um formato menor, menos atraente, e seu preço era ligeiramente mais baixo⁷. *Capricho* é uma publicação da Editora Abril, ao passo que *Querida*, no período estudado, era publicada pela Editora Globo⁸.

Análise dos resultados

AIDS e doenças sexualmente transmissíveis (DSTs)

Em seu estudo das cartas ao editor de *Querida*, de um total de 275 cartas, Miranda-Ribeiro (1996) encontrou apenas sete cartas com perguntas sobre AIDS e outras DSTs. Destas, cinco traziam perguntas gerais sobre AIDS e duas sobre herpes, sem referência a nenhum problema pessoal. No caso da AIDS, as cartas refletiam falta de informação a respeito da transmissão. A análise de *Querida* e *Capricho*, por sua vez, indica que há matérias sobre um grande número de DSTs tais como gonorréia, sífilis, AIDS, herpes, trichomoníase, candidíase e infecções do trato urinário. No caso de *Querida*, aparece repetidamente a informação de que, das DSTs discutidas, somente AIDS e herpes não têm cura.

Querida traz uma matéria sobre candidíase vaginal, com informações a respeito dos sintomas, dos fatores que favorecem a doença, os cuidados a serem tomados, o tratamento e o que fazer para

⁵ Correspondência pessoal via e-mail com a equipe editorial (12/8/1998).

⁶ Correspondência pessoal com Simone Miranda, que cuida das preocupações dos leitores (10/8/1998). A título de comparação, a circulação de *Seventeen* e *YM* é de 1,9 milhão e 1,7 milhão, respectivamente (Currie, 1999).

⁷ *Querida* custava R\$ 2,90, contra R\$ 3,30 de *Capricho*.

⁸ Posteriormente, *Querida* passou a ser publicada mensalmente pela Editora Camelot, com formato semelhante ao de *Capricho*. *Querida* deixou de ser publicada em 1999.

evitá-la (*Querida*, 5/11/1996). Apesar de recomendar tratamento conjunto com o parceiro, em nenhum momento a revista faz menção ao fato de a candidíase ser uma DST.

Em ambas as revistas, as perguntas têm a ver com transmissão e sintomas. *Querida* responde a uma questão sobre herpes genital com a seguinte informação: "Até o momento não há cura para o herpes, mas consegue-se diminuir os sintomas com algumas pomadas. Consulte um médico assim que as lesões aparecerem novamente." (*Querida*, 3/6/1997). Mesmo tendo em conta que o espaço da revista é limitado, sobretudo nas seções de cartas, a informação dada nessa resposta é bastante reduzida. Não há nenhuma menção sobre como o herpes é transmitido ou sobre como se proteger (ou ao parceiro) no futuro. *Capricho* utiliza perguntas sobre DSTs para reforçar a importância de se usar preservativo em toda relação sexual. Uma leitora escreve a seguinte carta para a seção "Sexo": "Depois da última vez que transei, apareceram bolhas na minha vagina. O ginecologista diagnosticou herpes genital. Gostaria de saber mais sobre a doença e se meu namorado vai ter os mesmos sintomas se transarmos." A revista responde:

O herpes genital é uma doença sexualmente transmissível (DST). Quer dizer, ele e outras 25 doenças podem ser transmitidos numa transa. Quem usa camisinha está se prevenindo da gravidez, da AIDS e delas todas. Uma coisa chata do herpes é que ele não tem cura. [...] Mas, além de tudo isso, uma DST pode também causar confusão... É que ela pode trazer à tona segredos do nosso comportamento sexual. Afinal, quem não se pergunta de onde veio o vírus? Ou a menina pegou o vírus do namorado (que podia não saber que tinha ou podia não ter contado), ou está correndo o risco de passar para ele (se não perceber logo que tem o vírus ou se decidir não contar para ele). O melhor a fazer é encarar a situação (qualquer que seja) e conversar francamente. E tem que usar camisinha e mostrar cuidado e preocupação com seu namorado. Ou você também não espera isso dele?" (*Capricho*, 7/12/1997)

Apesar de a resposta ser genérica, a revista ressalta que os meninos também

podem transmitir a doença para as meninas. No entanto, é equivocado fazer as leitoras acreditarem que o uso do preservativo vai prevenir qualquer DST. Herpes e HPV são transmitidos através do contato da pele na área genital e a camisinha não evita esse contato. Omitir esse fato é iludir as leitoras sobre o poder preventivo da camisinha.

Tanto *Capricho* quanto *Querida* falam de AIDS. *Querida* adverte sobre a possibilidade de pegar a doença através de sexo desprotegido, mas a informação é mais superficial do que aquela apresentada por *Capricho*. *Capricho* informa sobre uma mulher que pegou AIDS na sua primeira relação sexual, aos 16 anos: "Quando [a autora] tinha 16 anos, com certeza pensava igual a você e tantas outras meninas: 'A AIDS é horrível, mas não vai acontecer comigo.' A AIDS está em todo lugar – até em primeiras transas." (*Capricho*, 7/12/1997, grifos da revista). Numa carta ao editor de *Capricho*, uma leitora pergunta: "Sexo oral e anal transmitem AIDS?" A resposta é: "Transmitem, se o menino não usar camisinha. O vírus HIV entra no corpo pelo sangue. Como a região anal não fica umedecida (como a vagina), a relação sexual pode produzir pequenos ferimentos. É por aí que o vírus que está no esperma pode entrar no corpo da menina. No caso do sexo oral, um sangramento na boca da menina pode servir de porta de entrada para o vírus. Por isso, use sempre camisinha em qualquer relação sexual." (*Capricho*, 30/3/1997). Tal resposta, em primeiro lugar, não menciona o fato de que o HIV pode entrar no corpo humano através do sêmen. Além disso, assume-se que a relação anal sobre a qual o leitor pergunta é heterossexual. Finalmente, a resposta assume que é a menina quem faz sexo oral no menino. Em suma, as respostas dadas pelas revistas reforçam a ideia do que é tradicionalmente aceito socialmente – relações heterossexuais. Ademais, passam a informação (falsa) de que a camisinha previne contra todas as DSTs.

Uso de contraceptivos

Com relação à contracepção, vamos começar com um trecho de um artigo de *Querida*⁹.

Eu namorava a Luciana há apenas seis meses quando ela ficou grávida. No começo, a gente usava camisinha sempre que rolava sexo. Mas com o tempo fomos nos conhecendo e relaxando com a borrachuda, afinal a Lu teve pouquíssimos parceiros e eu sempre me cuidei. Mas jogar toda a responsabilidade pra cima da tabelinha não deu certo. Acho que nem sabíamos direito como ela funcionava, e depois esse negócio de saber o dia fértil é muito complicado. Até porque, apesar da Lu estar na faculdade e ser uma pessoa esclarecida, ela nunca tinha ido a um ginecologista. (*Querida*, 5/11/1996)

Esse trecho ilustra alguns pontos importantes. Em primeiro lugar está a ênfase do menino no tempo em que ele e sua namorada estiveram juntos antes que ela engravidasse – “apenas seis meses”. Em segundo lugar, ele ressalta que ela teve poucos parceiros antes dele. Em terceiro lugar, o autor da carta também faz questão de afirmar sua masculinidade, dando a entender que teve mais parceiras que a namorada, mas sempre foi cuidadoso. Em quarto lugar, é no mínimo curioso o fato de o casal usar a tabelinha mas não saber exatamente como ela funciona, apesar de a menina ter escolaridade alta. Finalmente, apesar do nível de escolaridade e de ser sexualmente ativa, a menina nunca tinha ido ao ginecologista. Esta carta traz muitas das regras típicas do comportamento sexual entre os adolescentes, além de demonstrar problemas típicos desse grupo no que tange ao uso de contraceptivos e à saúde reprodutiva.

É muito fácil adquirir pílulas anticoncepcionais sem receita no Brasil. Basta chegar numa farmácia e pedir uma caixa de uma determinada marca ou até mesmo pedir sugestão ao balconista. Com isso, muitas meninas acabam decidindo tomar pílula sem consultar antes um ginecologista. Tanto *Querida* quanto *Capricho* encorajam

suas leitoras a procurar um ginecologista. No entanto, há uma diferença crucial em termos de perspectiva. Enquanto *Querida* mantém uma política reativa, *Capricho* prega uma atitude preventiva. *Querida*, numa matéria intitulada “Visita ao ginecologista”, afirma: “Os especialistas recomendam a consulta quando houver problemas específicos, como corrimentos, dores e coceiras, ou quando quiser iniciar a vida sexual. Muitas mães costumam achar que a primeira menstruação é o sinal de que sua filha deve correr ao ginecologista. Mas não é.” (*Querida*, 3/6/1997). Afirmar que a menina deve procurar o ginecologista somente em certas circunstâncias pode ser uma posição perigosa na medida em que alguns problemas sérios, tais como câncer de mama e de colo de útero, podem não ser detectados pelas próprias pacientes. Portanto, um dos maiores benefícios dos exames ginecológicos – a prevenção – está sendo ignorado por *Querida*. O medo do exame ginecológico também é tratado em *Capricho*. A revista recomenda um livro escrito por um ginecologista, que afirma que “exame ginecológico não é um bicho de sete cabeças” (*Capricho*, 6/7/1997). *Capricho* incentiva as adolescentes a procurarem o quanto antes um ginecologista e a fazerem visitas freqüentes. Apesar de não carregar explicitamente a bandeira do cuidado preventivo da saúde reprodutiva, o modelo defendido pela revista acaba por atingir tal objetivo.

Com relação à contracepção, ambas as revistas incentivam o uso de contraceptivos. *Querida* resume sua posição sobre contracepção em um artigo sobre saúde.

Em tempos de AIDS, a camisinha tem sido o método mais aconselhado pois, além de prevenir o vírus, ainda previne contra a gravidez. Mas ela também tem seus inconvenientes. Pode rasgar e incomodar. A tabelinha, além de impedir que se tenha relação sexual quando se quer, tem um grande índice de falha e só pode ser usada por garotas de ciclo regularíssimo. O diafragma tem que ser colocado trinta minutos antes da transa e ainda por cima com espermicida. Campeã

⁹ Parte do depoimento de um rapaz que, na época, tinha 20 anos. Apesar de o artigo tratar de aborto, tema de que trataremos mais adiante, este primeiro parágrafo é bastante ilustrativo do uso (ou não) de contraceptivos entre adolescentes.

de público, a pílula pode provocar efeitos colaterais e, unida ao cigarro, altera a coagulação do sangue. Quando utilizadas, o ideal são as pílulas de baixa dosagem hormonal. (*Querida*, 3/6/1997)

Em uma carta ao editor, uma leitora pergunta: “Me disseram que só mulheres casadas podem usar o DIU. Isso é verdade?” (*Querida*, 12/2/1997). A revista responde: “Mulheres solteiras podem usar o DIU. Mas ele é pouco indicado, já que há outros métodos anticoncepcionais e o DIU pode levar a infecções que podem prejudicar uma futura gravidez.” De novo, é preciso levar em conta que a revista dispõe de pouco espaço para responder as perguntas dos leitores. Ainda assim, essa resposta desestimula as adolescentes a buscarem mais informações sobre o DIU, na medida em que direciona a atenção delas para outros métodos contraceptivos. Além disso, a resposta adverte para o risco (real) de não conseguir engravidar no futuro, mas sem explicar o porquê. Isso acaba por criar um mito ao redor do DIU. Apesar de *Querida* também ser lida por meninas de menos poder aquisitivo, em nenhum momento discute-se a questão do preço da pílula ou da dificuldade de acesso a um ginecologista em um hospital público ou posto de saúde. Não se leva em consideração que é preciso mais do que convicção para que as meninas “se cuidem”.

Camisinha é algo completamente normal e corriqueiro em ambas as revistas. Na seção “Vira e mexe”, uma montagem com coisas legais para uma menina ter, o tema é Carnaval e, entre outras coisas, aparecem quatro caixas de camisinha com a seguinte legenda: “*Bota camisinha, meu amor! Seja esperta e fique viva! Camisinha tem que usar, sempre.*” (*Querida*, 28/1/1997, grifos da revista). Nesta mesma edição há um Especial AIDS em que se afirma que “a única vacina anti-AIDS, por enquanto, continua sendo o preservativo”. Um dos dez mandamentos do amor é: “Não transarás sem ter certeza de que é isso mesmo que você quer, e muito menos sem camisinha.” (*Querida*, 12/2/1997). Em uma matéria sobre preconceito (“Sem preconceitos”), *Capricho*

escreve sobre vergonha de carregar uma camisinha na bolsa: “Você deveria ter vergonha é de andar com a bolsa bagunçada. Carregar uma camisinha sempre com você não significa que você está o tempo todo pensando em transar. Significa, isso sim, que você está o tempo todo pensando em você, na sua segurança, em se cuidar.” (*Capricho*, 31/8/1997).

Capricho aproveita todas as oportunidades possíveis para enfatizar o uso da camisinha. Em um artigo intitulado “Pequeno dicionário amoroso”, C é de camisinha e de ciúme, nessa ordem: “Se você tiver certeza de que chegou a hora de transar, tem que lembrar de usar camisinha! Desculpa do tipo ‘no começo do namoro é difícil falar de sexo’ é esfarrapada. Para ter intimidade com alguém, é necessário saber conversar. Usar camisinha é sinal de respeito e de amor. Não abra mão.” (*Capricho*, 16/2/1997). Uma leitora de *Capricho* pergunta sobre as diferenças entre a camisinha normal e a colorida e o editor aproveita para falar de camisinha com sabor e de sexo oral, incluindo o risco de contaminação por DST/AIDS: “Se você, ao fuçar na farmácia, ficar curiosa com as camisinhas com sabor, lembre que elas são indicadas para fazer sexo oral com segurança. Afinal, se sexo oral não engravida, pode transmitir DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis) e AIDS.” (*Capricho*, 6/7/1997). Outra leitora inicia sua pergunta ao editor com: “Sei que vocês não vão gostar disso, mas às vezes transo sem camisinha.” (*Capricho*, 12/10/1997). Isso é um indicativo de que a revista consegue passar a mensagem de que é preciso usar camisinha sempre. O esforço de ambas as revistas em promover o uso da camisinha é extremamente válido e, com base na carta anterior, parece surtir efeito. No entanto, como foi mencionado, enquanto o preservativo é apresentado como o contraceptivo mais eficaz, não se discute o fato de que ele não protege contra DSTs transmitidas por outras formas que não as secreções. Assim sendo, o leitor é levado a crer, erroneamente, que está 100% protegido pela camisinha.

Em um artigo de *Capricho* (2/2/1997) sobre aborto há um quadro informativo sobre como usar corretamente os diferentes métodos. A revista afirma que “as explicações da bula da camisinha devem ser respeitadas” e não ensina como usá-la. É comum assumir que todo mundo sabe como se usa camisinha. No entanto, um estudo feito com adolescentes de duas escolas de Belo Horizonte mostra que não é bem assim. Alguns meninos afirmam que têm pouca prática no uso da camisinha (Viegas-Pereira, 2000). Quanto à pílula, o artigo de *Capricho* não explica como tomá-la corretamente. O único comentário nesse sentido é sobre o fato de o método deixar de ser confiável quando se esquece de tomar a pílula por um dia. Pensando em termos de informação sobre saúde reprodutiva, a revista seria mais útil aos leitores se não assumisse um nível mínimo de conhecimento sobre o uso de contraceptivos e, ao invés disso, explicasse como usar cada um deles detalhadamente.

As duas revistas têm posições muito distintas com relação à tabelinha. Enquanto *Querida* encoraja meninas com ciclo menstrual regular a utilizar o método, *Capricho* assume que nenhuma adolescente tem o ciclo normal, o que torna o método inapropriado: “A tabelinha só serve para quem tem um ciclo menstrual regular. Mais claramente, não serve para adolescentes e, portanto, para você.” (*Capricho*, 2/3/1997). Uma carta ao editor pergunta se a temperatura da mulher sobe quando ela está ovulando. A resposta: “É verdade. [...] Mas o método não é simples. A camisinha ainda é o melhor jeito de evitar a gravidez.” (*Capricho*, 30/3/1997). Além da tabela, *Capricho* afirma que o coito interrompido é um método pouco confiável e desencoraja seus leitores a utilizá-lo.

Em suma, o preservativo é o método mais popular nas duas revistas. A julgar pelas reportagens e respostas às cartas ao editor, é este o método que deve ser adotado pelos leitores. No entanto, faltam informações a respeito de como usá-lo corretamente, de como tirar a camisinha após a relação sexual e onde obtê-la de graça. O diafragma recebe pouca atenção,

o uso do DIU é desencorajado e o uso da pílula é incentivado. *Querida* apóia o uso da tabelinha por meninas cujo ciclo é regular, ao contrário de *Capricho*.

Aborto

Querida opta por tratar o tema da perspectiva masculina e traz um depoimento de um rapaz de 20 anos. Ao longo do artigo, ele continuamente se refere ao feto como “meu filho” e se mostra culpado e arrependido: “Mas o problema não foi para o espaço junto com o bebê: ficou uma culpa terrível, e até hoje estou tentando esquecer esse drama.” O rapaz diz que a sua namorada não teve maturidade para enfrentar a realidade e preferiu a estratégia da negação. “Apesar de todas as evidências da gravidez, ela não quis fazer nenhum exame que comprovasse o fato. Preferiu fazer o aborto sem ter certeza de que esperava um filho. Hoje, quando ela fica triste por causa do nosso filhinho, lembro a ela que talvez fosse alarme falso. Isso não tem possibilidade de ser verdade, mas sei que deixa a Lu menos triste.” (*Querida*, 5/11/1996). Ao final da matéria, a revista apresenta seu ponto de vista sobre o caso em questão, assinado por uma psicoterapeuta pós-graduada em orientação e educação sexual. A todo momento fala-se de escolhas: “Iniciar uma vida sexual não é tarefa muito fácil para nenhum de nós, sejamos homens ou mulheres. Entretanto, é importante que tenhamos habilidade e responsabilidade para assumirmos nossa escolha. [...] Da mesma forma que eles puderam fazer a escolha pelo aborto, poderão fazer a escolha de formas efetivas de lidar com ele.” (*Querida*, 5/11/1996). A revista não se posiciona em relação ao aborto em si e trata somente dos sentimentos do rapaz. A opção da revista pela ótica masculina nos parece interessante na medida em que mostra que o aborto pode ser uma escolha conjunta e que os sentimentos envolvidos nessa escolha não são exclusividade feminina. No entanto, a revista falha por não mostrar um depoimento no qual o casal não tivesse se arrependido da opção pelo aborto. Mostrar apenas um lado da moeda

não é a melhor forma de informar os adolescentes sobre um tema tão importante e controverso quanto o aborto.

Capricho também fala de opções mas, ao contrário de *Querida*, apresenta fragmentos de depoimentos que envolvem sentimentos opostos com relação ao aborto – apesar de nenhum deles tocar explicitamente em arrependimento: “Fiquei grávida do segundo menino com quem transei. Quando percebi, decidi abortar. Até hoje, choro só de pensar que era para o meu filho ter quase três anos.” (*Capricho*, 2/2/1997). Em outro depoimento, a menina, bem pragmática, diz: “Decidi pelo aborto, pois não era a hora de ter um filho.” (*Capricho*, 2/2/1997). Em um terceiro, a certeza da decisão é acompanhada de tristeza: “Até hoje, quando olho um bebê, lembro do que passei. Mesmo sabendo que tomei a decisão certa, às vezes tenho sonhos ruins em que aparecem crianças. Não gostaria de passar novamente por isso.” (*Capricho*, 2/2/1997). A mensagem da revista é que se deve praticar contracepção de forma eficaz a fim de evitar o aborto como contraceptivo: “Se você nunca quiser se colocar na encruzilhada dessa decisão complicada, o único jeito é evitar mesmo a gravidez. [...] Por mais que a decisão seja dividida e negociada, é a menina que sabe como ela se sente lá no fundo a respeito da idéia de fazer aborto. E é ela que vai ter que conviver com o fato de ter feito um aborto.” (*Capricho*, 2/2/1997, grifos da revista). O artigo também inclui alguns dados: “No Brasil, segundo o Ministério da Saúde, um milhão de meninas entre 10 e 19 anos engravidam por ano. Dessas meninas, 238.121 decidem pelo aborto.” E ainda os resultados de um *survey* com meninas e meninos no 2º grau que, dentre outras coisas, perguntava sobre como estes se comportariam se a namorada engravidasse. Quarenta e dois por cento assumiriam a responsabilidade pelo bebê sem se casar com a menina; 43% se casariam e teriam o bebê; e 15% insistiriam no aborto. Quando perguntadas sobre o que fariam se engravidassem, 59% das meninas teriam o bebê, mesmo sem se casar com o pai da criança; 15% só teriam

o bebê se se casassem; e 26% abortariam. O artigo também fala de como a vida muda depois de um filho. A menina “[...] vai deixar de ir a festas, acordar à noite para dar de mamar e trocar fraldas – e ser responsável por tudo o que acontecer com o bebê” (*Capricho*, 2/2/1997). Os editores fazem um balanço desses pontos negativos com opiniões mais liberais.

Você deve estar se perguntando qual a opinião de *CAPRICO* sobre tudo isso. *Nós somos contra o aborto como método anticoncepcional. O melhor mesmo é você se prevenir para não ficar grávida sem querer. Mas, e se o bebê tiver problemas de formação? E se o menino não estiver nem aí? E se você não se sentir preparada para ser mãe? Há muitas situações possíveis e é difícil impor que o melhor sempre é ter o bebê.* Por isso, somos a favor da legalização, para que cada menina ou mulher possa decidir o que é melhor para si. (*Capricho*, 2/2/1997, grifos da revista)

Capricho afirma ser a favor da legalização do aborto, dado que isso reduziria a mortalidade materna causada por abortos clandestinos e malfeitos. “O aborto já é, por si só, uma experiência tão difícil que ninguém precisa ter seu sofrimento aumentado.” (*Capricho*, 2/2/1997). Quando a menina está certa a respeito de sua decisão e tem a ajuda da família e a assistência médica adequada, *Capricho* diz que não é difícil superar o fato. No entanto, apesar dessa postura liberal, a primeira letra “O” da palavra “aborto” da vinheta que acompanha a reportagem mostra o rosto de um boneco de louça louro de olhos azuis, com o nariz e parte da boca quebrados, pendurado por um gancho. A imagem apresentada difere completamente dessa postura liberal da revista.

Querida apresenta o aborto somente do ponto de vista masculino, sem ouvir a voz da experiência feminina, e o mostra como algo do qual necessariamente a pessoa se arrepende e nunca se recupera. *Capricho* fala de aborto da perspectiva feminina e enfatiza que a decisão, em última instância, deve ser da mulher. No entanto, permanece o estigma quando a revista afirma que é ela quem tem de conviver com o fato de ter feito um aborto.

Conclusão

Nossos resultados sugerem que a prevenção e transmissão de AIDS/DSTs são discutidas com frequência por essas revistas, ainda que ambas confirmem à camisinha um poder mágico (e irreal) de prevenção de todas as DSTs. O HIV é tratado como um perigo ao qual as meninas estão expostas e, por essa razão, a camisinha deve ser usada sempre. O uso da pílula é incentivado por ambas as revistas. A tabelinha, promovida por *Querida*, é duramente criticada por *Capricho*. O aborto é condenado por *Querida* e tolerado por *Capricho*, a qual tem uma visão bastante liberal a seu respeito. No geral, parece-nos que *Querida* é mais conservadora que *Capricho* no que tange às informações sobre sexualidade e saúde reprodutiva.

Os adolescentes estão em processo de formação de suas identidades e a identidade sexual é apenas um de seus componentes. É difícil separar o papel que *Querida* e *Capricho* têm na definição do normativo em termos de sexualidade e saúde reprodutiva entre os adolescentes do papel de outras forças e atores sociais. A família, a escola, a religião, os pares (amigos) e outras formas de mídia também contribuem – em geral, de forma mais decisiva – para a formação da identidade. Ainda assim, o estudo do comportamento normativo promovido por essas revistas é importante para o entendimento das forças que moldam a identidade sexual dos adolescentes por elas serem uma das fontes onde estes buscam informações. Mais do que isso, as revistas são fontes “silenciosas” às quais os adolescentes podem recorrer sem que ninguém saiba. Nesse sentido, revistas com informações erradas ou que reforcem os papéis tradicionais podem trazer mais prejuízo do que benefício.

O que pode ser feito no sentido de minorar estes problemas? No âmbito das

revistas, é preciso que elas se comprometam a dar informações sempre claras e corretas e zelem para que isto ocorra. Com isso, não queremos insinuar que elas transmitam informações incorretas de propósito. No entanto, dada a importância das revistas como fonte de informação, é preciso prestar mais atenção a este aspecto. Neste sentido, cada revista deveria ser responsável por educar o seu pessoal, a fim de garantir transparência e verdade nas matérias. Sabemos que as revistas contam com uma equipe de consultores especializados, mas não sabemos até que ponto o papel desses consultores se restringe a responder as cartas enviadas ao editor ou se, além disso, eles também prestam assessoria na redação das matérias.

Segundo a definição de conteúdo utilizada neste trabalho, o contexto institucional no qual essas revistas são publicadas também deve ser levado em consideração em sua análise. Nesse sentido, é possível que o fato de *Querida* ser mais conservadora que *Capricho* tenha relação com o perfil de suas respectivas editoras – Globo (*Querida*) versus Abril (*Capricho*). No entanto, não temos evidências para dar suporte a este argumento, para o que precisaríamos de dados de natureza distinta dos analisados aqui.

Indo além do escopo das revistas propriamente ditas, seria ótimo se houvesse outras formas de obtenção de informações que, de certa forma, confrontassem as informações passadas pelas revistas – por exemplo, educação sexual nas escolas, serviços de saúde acessíveis, programas de TV sobre o tema, e diálogo em casa. É uma pena que os adolescentes ainda confiem tanto nas fontes impessoais e nos amigos, que muito provavelmente também recorrem às revistas como fonte de informação. Pelo que pôde ser visto neste artigo, a saúde reprodutiva nas bancas deixa muito a desejar para o público adolescente.

Referências bibliográficas

ALAN GUTTMACHER INSTITUTE. **Sharing responsibility**: women, society and abortion worldwide. Special report, 1999.

BASSANEZI, C. A revista *Cláudia* e a sexualidade. In: VII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 1992. **Anais...** ABEP, 1992. p.107-126.

_____. **Virando as páginas, revendo as mulheres**: revistas femininas e relações homem-mulher 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

_____. Mulheres dos anos dourados. In: BASSANEZI, C. (ed.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Unesp, 1997. p. 607-639.

BEMFAM. **Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde**. Rio de Janeiro, Benfam, 1996.

BOSI, E. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras operárias. Petrópolis: Vozes, 1972.

BUITONI, D.H.S. **Mulher de papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.

CASTILHO, E.A. e SZWARCOWALD, C.L. Mais uma pedra no meio do caminho dos jovens brasileiros: a AIDS. In: CNPD. **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília: CNPD, 1998, v. 2. p. 197-207.

CURRIE, D.H. **Girl talk**: adolescent magazines and their readers. Toronto: University of Toronto Press, 1999.

DATASUS, 1999. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/cgi/tabcgi.exe?aids.def>>.

DURHAM, M.G. **Decoding the visual grammar of pornography**: a critical comparison of softcore pornography with women's fashion magazines. Trabalho apresentado no Annual Meeting of the Association for Education in Journalism and Mass Communication, 1995. p. 14-18.

GRAS, C. **Reproductive health knowledge and attitudes among Brazilian**

adolescents: the relationship with sexual activity and contraceptive use. Trabalho apresentado no Population Association of America Annual Meeting, 1999.

HABERT, A.B. **Fotonovela e indústria cultural**: estudo de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões. Petrópolis: Vozes, 1974.

KNODEL, J., ANTHONY, P. e NAPAPORN, H. Focus group research on fertility decline in Thailand: methodology and findings. In: CALDWELL, J., HILL, A. G. e HULL, V. J. (eds.). **Micro-approaches to demographic research**. Londres: Kegan Paul International, 1988. p. 41-55.

KERBER, L. **Constructing reproductive autonomy in the Brazilian context of illegal abortion**. Department of Sociology, The University of Texas at Austin, 2000.

KRIPPENDORFF, K. **Content analysis**: an introduction to its methodology. Newbury Park: Sage, 1980.

LONGO, L.A.F.B. Juventude e contracepção: um estudo dos fatores que influenciam o comportamento contraceptivo das jovens brasileiras de 15 a 24 anos. In: XIII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, Ouro Preto, novembro de 2002. **Anais...**, ABEP, 2002.

MCROBBIE, A. **Feminism and culture**: from 'Jackie' to 'Just Seventeen'. Boston: Unwin Hyman, 1991.

MIRANDA-RIBEIRO, P. "Querida *Querida*": a construção do feminino através de uma análise de conteúdo das cartas ao editor da revista *Querida*. In: IX ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 1996. **Anais...**, ABEP, 1996. p. 2.755-2.768.

_____. **Telenovelas and the sexuality transition among teenagers in Brazil**. Tese de Doutorado, Department of Sociology, The University of Texas at Austin, 1997.

PIRES, A. **Velhos em revista**: envelhecimento e velhice nas páginas de *Claudia* e *Playboy* (anos 80 e 90). Tese de Mestrado, Departamento de Antropologia do Instituto

de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

SARTI, C. e MORAES, M.Q. *Ái a porca torce o rabo*. In: BRUSCHINI, M.C.A. e ROSEMBERG, F. (orgs.). **Vivência**: história, sexualidade e imagens femininas. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 19-57.

SINGH, S. e WULF, D. **Today's adolescents, tomorrow's parents**: a portrait of the Americas. Washington, D.C.: The Alan Guttmacher Institute, 1990.

TEIXEIRA, M.U. *Páginas coloridas, indivíduos coloridos? Cor/raça na revista Capricho*, 1997 e 2000. In: XIII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, Ouro Preto, novembro de 2002. **Anais...**, ABEP, 2002.

VIEGAS-PEREIRA, A.P.F. **AIDS. Prevenir é tão fácil quanto pegar?** Um estudo sobre os fatores que determinam o uso de preservativo entre adolescentes na era da AIDS. Dissertação de Mestrado, Departamento de Demografia, Cedeplar/FACE/UFMG, Belo Horizonte, 2000.

Abstract

The objective of this paper is to identify the standards for reproductive behavior expounded by the Brazilian magazines *Querida* and *Capricho*, addressed to teenage girls, in order to analyze how these publications contribute toward better informing their readers regarding sex-related matters and reproductive health. Content analysis was performed on the issues of these magazines between November 1996 and December 1997, concentrating on three aspects of reproductive health: STDs/AIDS, contraception, and abortion. Results suggest that both *Querida* e *Capricho* fulfill a latent demand for information regarding sexuality, contraception and reproductive health. Yet the content of the information provided is often incomplete and received in a fragmented form by their readers. Although the magazines correspond to many aspects of the expected behavior, the model suggested by *Querida* promotes the idea of a more passive girl, in comparison with that suggested by *Capricho*, which has a less conservative orientation.

Enviado para publicação em 14/11/2002.